

Mudou o câncer e também o papel e perfil do voluntariado

Cada vez mais eles conciliam atividade e carreira; outra novidade é que é a vez dos homens

O hospital que não tem fila de pacientes na porta tem fila de candidatos a voluntários. E os homens estão ganhando espaço nesse território até agora exclusivo das mulheres, os 360 anjos cor-de-rosa, como são conhecidas. Estudante de educação física, Eriko Pagliuca, de 25 anos, é voluntário no Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC). “A gente aprende a ouvir – porque o paciente de câncer tem muita necessidade de falar sobre a doença –, a entender o sofrimento e a angústia dos outros”, explica.

Liana de Moraes conta que está aumentando o número de aposentados, advogados, contadores que se apresentam como voluntários. Falta definir a cor do aventa-

tal dos “meninos”. “Branco confunde com o dos médicos, verde com o da cirurgia. Eu preferia o azul, que combina com meus olhos”, diz Eriko, rindo.

Mudou o perfil do voluntário porque mudou o câncer. “O paciente vem aqui, se trata e vai para casa, não é mais como antes, quando tinha tanta gente que precisava de atenção o tempo todo”, diz Liana. Tanto que as senhoras de cor-de-rosa não só dão apoio direto ao paciente. Também são vistas para lá e para cá, levando prontuários. “Eu acho que as pessoas ainda não absorveram a tecnologia que chegou à medicina, pelo menos não no câncer. Elas encaram

doença cardíaca sem o menor problema, mas o câncer ainda apavora muita gente.”

Genes – A diferença, talvez, esteja no fato de a maioria das pessoas compreender como alimentação, atividade física e predisposição genética se combinam nas doenças cardíacas, mas não como esses mesmos fatores se relacionam para produzir tumores. O câncer não é uma, mas dezenas de doenças, envolvendo mutações em genes diferentes. Compreender isso é essencial para desmistificar a doença. “Daqui a 10, 20 anos, quem não entender genética vai estar tão perdido quanto quem hoje não sabe lidar com computador”, prevê Liana.

“Cerca de 75% dos tumores humanos são preveníveis”, ensina Brentani. São cuidados que vão desde alimentação balanceada e exercícios físicos, evitar cigarros – e particularmente

UM KIT, PARA DAR AULA PARA CRIANÇAS

a combinação cigarro-bebida alcoólica – e a exposição ao sol até a realização de exames de rotina, como os de mama e próstata. Mas, principalmente, não ter medo nem preconceito.

Daí a idéia que o hospital apresentou na semana passada à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o kit Educação em Câncer, com informações sobre prevenção e diagnóstico, para ser distribuído a escolas públicas e privadas (www.hcanc.org.br). “A criança não tem preconceito, não vê a doença como castigo. E fica mais fácil ensinar como prevenir”, diz Liana. (R.H.B.)